

2

BR 50300

boletim  
de  
antropologia

ANO 2 VOL. I  
1958

Imprensa Universitária do Ceará



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

UNIVERSIDADE DO CEARÁ

Reitor — PROFESSOR ANTÔNIO MARTINS FILHO

Vice-Reitor — Professor M. A. de Andrade Furtado

SERVIÇO DE ANTROPOLOGIA

Diretor — PROFESSOR THOMAZ POMPEU SOBRINHO

CONSELHO TÉCNICO E DELIBERATIVO

Presidente — PROFESSOR THOMAZ POMPEU SOBRINHO

CONSELHEIROS:

Professôres — Florival Seraine

João Saraiva Leão

Jerson Braga Vieira da Fonseca

Carlos Studart Filho

Francisco Martins

Jósa Magalhães

Walder Sá

José Rômulo Barbosa

GABINETE

Direção Geral — Professor Thomaz Pompeu Sobrinho

Assistência Técnica — Professor Francisco de Alencar

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA  
Av. Visconde de Cauípe, 2635  
Fortaleza - Ceará - Brasil, 1960



UNIVERSIDADE DO CEARÁ  
INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA  
OFERTA PUBLICAÇÃO

2

**BOLETIM**

|  
**DE**  
|

**ANTROPOLOGIA**

UNIVERSIDADE DO CEARÁ  
SERVIÇO DE ANTROPOLOGIA

ANO 2

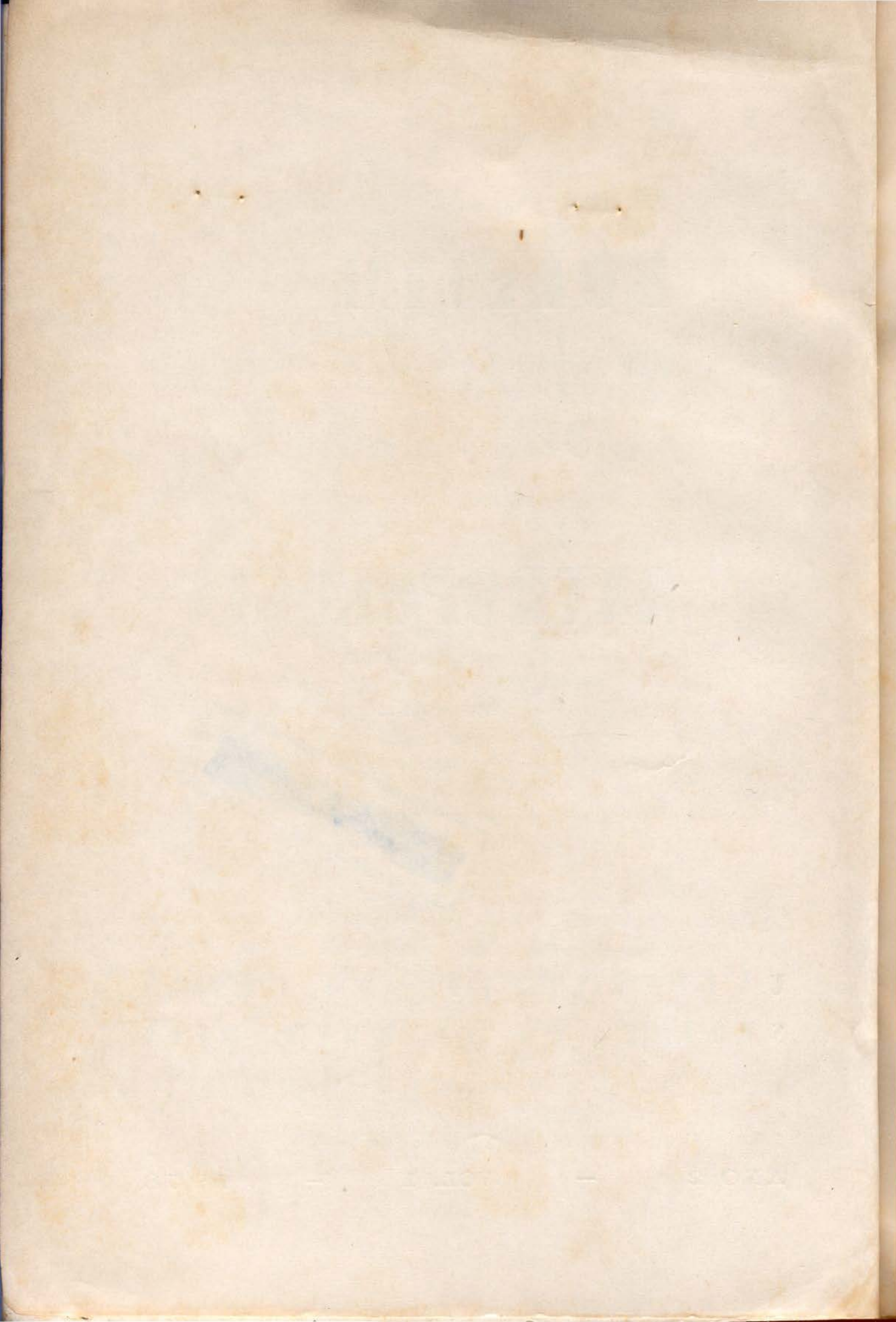
—

VOL. 1

—

1958







# LÍNGUAS TAPUIAS DESCONHECIDAS DO NORDESTE

## ALGUNS VOCABULÁRIOS INÉDITOS

TH. POMPEU SOBRINHO

Instituto de Antropologia  
— Universidade do Ceará  
Fortaleza, Ceará — Brasil

Nenhum linguista já tratou dos idiomas indígenas nordestinos, pouco ou nada conhecidos, com mais atenção e interesse do que o Sr. Tcestemir Loukotka. No último trabalho que conhecemos deste estudioso de tão ingrata matéria, sob o título "Les Langues Non-Tupi du Brésil du Nor-Est", publicado no 2º volume dos "Anais" do XXXI Congresso Internacional de Americanistas (1955), condensa tudo o que se tem então escrito sobre as línguas tapuias desta região.

Deixando de lado as referências a respeito da língua cariri, de que desde muito se tem copiosa messe de elementos mais ou menos bem organizados, gramática, textos e vocabulários, importa anotar as demais, inclusive mesmo a língua dos índios *Fulniô*, o "Iatê", que ainda requer estudos sistemáticos. Loukotka aborda uma e outra nas suas longas considerações. Dá uma resenha histórica das tribos bem conhecidas da família Cariri, o Kipéa, o Dzubukua, o Kamuru e o Sabujá; passa a referir outras que supõe se enquadram no mesmo grupo, e o faz nos seguintes termos:

"Ariú (ou *Peba*), tribo estabelecida entre os rios Pinha-



res e Sabrigi mais tarde na Missão *Pombal* no Estado da Paraíba.

“*Bultrin*, tribo nomeada por Martins de Nantes, estabelecida a princípio na Serra de Boa Vista, depois na Serra Boreborema, enfim em *Campina Grande*.

“*Calabaça*, nome português de uma tribo estabelecida na ribeira Salgado a 36 milhas de Ikó.

“*Ikó*, tribo estabelecida entre a Serra Luiz Gomes, o rio do Peixe e a ribeira do Salgado. Dizimada pela expedição de Francisco Dias de Carvalho em 1694, “pacificada” em 1700 pelo missionário João de Matos Serra e estabelecida no atual local da cidade de Sousa, no Estado da Paraíba.

“*Ikozinho*, provávelmente uma fração da tribo precedente, mencionada em 1670 na confluência dos rios Jaguaribe e Salgado.

“*Inhamuns*, tribo estabelecida originariamente à margem do rio Jaguaribe, mais tarde, em 1746, na pequena ilha *Inhamuns* no curso médio do rio São Francisco.

“*Kararu*, ou também *Kajuru*, tribo mencionada na ilha Soroabé do rio do mesmo nome.

“*Kariú*, originariamente estabelecida nas ribeiras *Cariú* e *Bastiões*, afluentes do Rio Jaguaribe.

“*Korema*, tribo estabelecida no curso médio do rio Piancó.

“*Jucá* (Jucá), originariamente na ribeira Jucá, em 1787 na Aldeia de *Arneiroz*, no Estado do Ceará”.

Esta relação é precedida de seguinte nota: “Não sabemos nada das línguas das outras tribos da família Kariri”.

O autor referido baseia as suas informações, aqui transcritas, a respeito dos índios Bultrins, Icó e Icozinho nas crônicas de MARTIN DE NANTES (*Relation suceinte et sincere de la Mission dans le Brézil parmy les Indiens appelés Cariris*, 1706; de CARLOS STUDART FILHO in “As tribos indígenas do Ceará”, 1926, e “Notas históricas sôbre os indígenas cearenses”, 1931). Quanto às demais tribos citadas, não diz diretamente de quem houve notícias.

Tenho dúvidas sôbre se tôdas estas tribos eram realmente cariris. Esta dúvida provém do fato de que, nas regiões por al-



gumas delas habitadas, os topônimos antigos, aliás, relativamente abundantes, não se podem referir a qualquer dos dialetos cariri conhecidos. Trata-se naturalmente de simples indício, mas que se deve manter enquanto não se tem demonstração direta em contrário, isto é, uma prova histórica ou mesmo de natureza linguística.

Dos dialetos do grupo cariri possuímos excelente material do Kipéa e do Dzubukua; pouco sabemos do falar das tribos Kamarú e Sabujá. Os vocabulários de Martins são pequenos e viciados.

O estudo comparativo do Cariri induz a certeza de que esta língua é um ramo destacado muito cedo do *proto-brasíli-do*, falado pelos ancestrais mais remotos dos povos das famílias Aruaque, Tupi-guarani e Caraíba. As afinidades entre estes idiomas é facilmente observável.

Os índios mais numerosos que viviam no nordeste do Brasil eram seguramente os da *Família Tarairiú*, relacionada com as do grupo *Láguido*.

Em 1935, depois de exaustivas comparações de acôrdo com o critério usual na discriminação desta matéria, chegamos à conclusão de que os tarairiú falavam uma língua independente ou isolada. De nenhum modo se pode achar parentesco entre o tarairiú e as línguas caraibas, como chegara a supor o Sr. Rodolfo Schuller (1912).

Adotamos a expressão *Tarairiú* para designar a família, ampliando o significado de um simples nome tribal, aliás não oriundo do próprio falar tapuia destes selvagens. A palavra *tarairiú* evidentemente procede de *taraira* ou *traíra* com que os tupis designavam um peixe d'água doce, muito comum nos rios e lagoas do Nordeste brasileiro. Para designar a tribo ficou o seu próprio apelido, a expressão tapuia de *Otchukuyana*. Vulgarmente, ao tempo da invasão holandesa nesta região, estes índios tinham o apelido de *Janduin* ou *Jandui* (1).

---

(1) Janduí era o nome de um chefe da tribo, notável pelo seu prestígio. Os holandeses escreviam a palavra de várias maneiras: *Jandui*, *Jandovi*, *Jan de wy*, *Janduy*, etc.



O vocábulo é também de procedência tupi e significa “aranha pequena” talvez uma determinada espécie (2).

A respeito da língua falada pelos Tarairiú, supõe Loukotka que era aparentada com as das seguintes cabildas:

*Janduí* — Tribo estabelecida na ribeira do Açu e Apodi, provavelmente um clan Tarairiú. Na lista holandesa dos chefes de tribo o nome Jandui tem diferentes formas. A tribo foi exterminada pelos Portugueses no curso do 17º século.

*Canindé* — tribo estabelecida nas fontes da ribeira Choró, no Estado do Ceará. Em 1731, foi para a Aldeia da *Barra do Sitiá*, onde se extinguiu.

*Panati* — grande tribo, outrora estabelecida na Serra dos Panatis, no atual Estado do Rio Grande do Norte e entre as ribeiras do Jaguaribe, Apodi e Açu. Os seus restos foram estabelecidos mais tarde na Aldeia *Gramació* no mesmo Estado, enfim, em 1762, definitivamente em *Vila Flor*, em comum com a tribo aparentada de Pajaku. Parece que no comêço do nosso século, alguns restos da tribo ainda se conservavam ali.

*Payaku* (Payacú) — Grande tribo estabelecida originariamente nas ribeiras Jaguaribe e nas montanhas (Serras) Coité, São Bento e Calabouço com as fronteiras dos atuais Estados da Paraíba e Rio Grande do Norte. Em 1696, dois missionários, o Pe. João da Costa e o Pe. João de Barros Braga tentaram estabelecer a tribo na aldeia de Aracatú (3). As tentativas fracassaram, os índios foram quase completamente exterminados por uma expedição militar de Antônio de Albuquerque da Câmara. Os últimos restos da tribo instalados em 1762 em comum com as tribos Tupi e Cariri, na aldeia de *Porta Alegre* no Estado do Rio Grande do Norte, onde se desnacionalizaram. A tribo se extinguiu no comêço do 19º século (mais ou menos em tôrno de 1817). Martius (30, t.I, pág. 349) erradamente afirma que nunca houve tribo com êste nome e

(2) Segundo Martius, *jandu*, *nhandu* é a aranha; *jandu cecê aê*, aranha venenosa; *jandu Keçaba* teia de aranha. *Jandú-i* ou *nhandu-y*, conforme Marcgrave e Piso, é a palavra tupi com que se designa também a ema ou avestruz americana.

(3) Deve ser Aracati.



que Payaku é apenas a forma indígena truncada do nome de Francisco.

A respeito desta suposição do linguista tcheco, se há de notar: 1) realmente, desde 1939 tínhamos demonstrado que os índios conhecidos por janduin ou Otchukuyana, Kanindé e Paiaku falavam a mesma língua (4), (2) Quanto aos índios *Panati*, se realmente eram aparentados dos *Paiaku*, o que não conseguimos comprovar, deviam falar o idioma que chamamos *Tarairiú*.

Além destas tribos, falava esta língua, como já mostramos, (5) a tribo conhecida por *Genipapo*, pois verificamos que eram estes índios parentes dos *Kanindé* e se aldearam, uns e outros, no lugar *Barra do Sitiá*, no Rio Banabuiú, "juntos porque eram da mesma nação".

Ainda tivemos oportunidade de verificar que pertenciam à família *Tarairiú* a tribo tapuia dos Xucuru muito referida na história paraibana (6). O mesmo, quase com igual evidência, ficou estabelecido em relação às tribos *Kamaçú*, *Tukariju*, *Arariru* e *Karatiú* ou *Karati*.

Indícios veementes, baseados na toponímia antiga de certas regiões dos sertões cearenses, piauienses, pernambucanos, paraibanos e riograndenses do Norte, onde viviam as tribos adiante referidas e, em certos casos, referências históricas embora não muito claras, bem como a forma ou estrutura do nome pelo qual alguns se apelidavam, deixam supor, com significativa dose de probabilidades que também pertenciam à família *Tarairiú*, as tribos que se nomeavam, tal como se regista em seguida:

---

(4) Ver in "Tapuias do Nordeste", artigo incerto no T. LIII da Rev. "Instituto do Ceará".

(5) Artigo citado in *Revista* acima indicada.

(6) A respeito dos Xucuru lê-se na "Capitulação dos Jandoins", ao depor as armas, em 10 de abril de 1692, prometendo obediência e vassalagem ao Rei de Portugal e ao Governador Geral do Brasil: "e com elles o Capitão João Paes Florian Portuguez, em nome do seu sogro putativo, chamado Neongugê; Mayoral de sua Aldeia Sucurú, da mesma nação Jandoin, e cunhado recíproco do dito Rey Canindé".



*Reriú* ou *Irariu*, *Aperiú*, *Kitariú*, *Kixelou*, *Kandadu*, *Kixariú*, *Ikoïu*.

Não conseguimos, mesmo com certo grau de precariedade, identificar a família (já conhecida ou por definir) a que se poderiam filiar as tribos: *Anacé*, *Guanacé* ou *Wanacé*, *Akoci*, *Xibata*, *Apuiaré*, *Jaguaribara* e *Jaguaruana*; e algumas outras que pervagavam pelas atuais fronteiras do Estado do Ceará, como a dos *Ixú*, *Uriú*, *Umã*, *Pipipâ*, *Curema*, *Pega*, etc.

A muito falada nação *Tremembé* ou *Taramembé*, que habitava a costa do Ceará e delta do Parnaíba, estendendo por vezes o seu domínio ao litoral do Maranhão, constituia seguramente uma família distinta ainda não catalogada. De algumas palavras que conseguimos colhêr do falar dêsses índios ribeirinho do Atlântico verifica-se indubitavelmente que a sua língua não se pode enquadrar na família *Tarairiú* e muito menos nas famílias *Kariri* e *Tupi-guarani*. O pouco que se conhece da sua cultura é característico e contribui para repelir qualquer tentativa de ajustar o índio dêste grupo a qualquer dos demais acima referidos (7).

Muitas outras tribos que habitavam o Nordeste, principalmente nos vizinhanças dos rios São Francisco e Parnaíba e afluentes principais dêste falavam idiomas inteiramente desconhecidos. Alguns eram provàvelmente Gê, como *Cupequa-ka*, *Kupixere* e *Kupinharó*. Outras seriam, ao que parece, *Tarairiú* como a dos *Macamaçu*, *Ayitetu*, *Anicu*, etc. Na região do São Francisco, com exclusão das tribos *Fulniô* e *Cariri*, viviam outras que ainda não foram determinadas. Estas tribos de falar desconhecido, seguramente, teriam sido mais numerosas do que ordinariamente se supõe. Acreditamos que algumas eram provàvelmente *Tarairiú*.

A existência ali de famílias línguo-culturais ainda não determinadas parece certa. O exame de pequenos vocabulários, nos últimos anos recolhidos, concorre para esta conclusão. Como a língua *Kariri*, a *Iatê* ou *Fulniô*, falada pelos remanescentes dos índios, que agora habitam no município



de Águas Belas, Pernambuco, tem sido bem estudada. Esta última é um idioma tapuia isolado, como em 1935, ao mesmo tempo, verificaram o Autor dêste artigo, em Fortaleza, e o Sr. Tcestemir Loukotka, em Praga (Tchecoslovaquia). A língua é interessantíssima, e foi maravilhosamente conservada, com muita pureza, por um grande grupo de índios. Outrora, os Fulniô dominavam área territorial muito maior do que se pensa hoje. O Kariri e o Fulniô, conseqüentemente, não são línguas desconhecidas do Nordeste brasileiro; fogem por isto às considerações que vimos fazendo.

Em 1940, o etnógrafo Dr. Carlos Estêvam, Diretor do Museu Goeldi, de Belém (Pará), confiou-nos alguns pequenos vocabulários, por êle colhidos entre os remanescentes indígenas dos Estados de Pernambuco e Alagoas. Êstes vocabulários, em número de cinco, foram levantados com grande cuidado, mas as circunstâncias que cercaram o penoso trabalho eram de molde a não permitir resultados suficientemente satisfatórios. Tribos de procedências diversas ou nações diferentes haviam sido reunidas nas mesmas aldeias e os contactos culturais dêstes povos com os neo-brasileiros, através já de muitos anos, concorreram para o esquecimento das línguas das diferentes facções, daí resultando confusões porventura graves e que já se não podem desfazer. Ao lado de palavras de línguas desconhecidas há algumas de origem tupi ou fulniô.

Um dos vocabulários é atribuído ao falar dos índios da "Serra Negra" de Pernambuco; outro aos índios Tuchá de Rodelas, outro aos índios "Natu" e ainda um outro, apenas de 4 palavras, a língua "Chocó".

Além dêstes, levantados por pessoa competente, conseguimos mais três provenientes da Serra do Urubá ou Ararobá e da cidade do Rio Branco, colhidos de velhos índios, por pessoas leigas, mas de muito boa vontade.

Eis em primeiro lugar os vocabulários do Dr. Carlos Estêvam:



## VOCABULÁRIO Nº 1

- Fogo — Obai  
Água — Jinikací  
Água — Jatateruá  
Água — Jai/já  
Brejo — Ibiji/arôto  
Lagoa — Joo  
Terra — Jobají  
Pedra — Tóitú  
Pedra — Ipá  
Sal — Tuká  
Cachimbo — Kuna kuní  
Cachimbo cerimonial — Matrinadô  
Cachimbo cerimonial — Matrigó  
Maracá — Káma/kabá eyá  
Pinheiro — Burúti  
Menino — Jorã/óibo  
Parente — Gôyáji  
Irmã e prima — Dakatái  
Onça preta — Tupé  
Maracajá — Gwariatã  
Porco — Tarací  
Mocó — Kewí  
Tatu-peba — Kuriépe  
Boi — Kanarí  
Vaca — Tú  
Ovelha — Pusharé  
Ovelha — Sumui íra  
Passarinho — Iushií  
Pena — Tik  
Ovo — Aji  
Papagaio — Umaiatá

---

(7) Isto é o que se pode deduzir do que temos registrado sobre êsses indígenas em vários trabalhos (Pré-história Cearense. 1º tomo).



Periquito — Glyglilin  
 Peixe — Kamijo  
 Abelha — Axxaó  
 Madeira, pau — Dáka  
 Flor — Barkíra  
 Milho — Ta/mõni  
 Tabaco, fumo — Põi  
 Tabaco fumo — Ajó  
 Bonito — Limin

Este vocabulário trás a seguinte nota. “*Observações:* Em “Brejo dos Padres” certamente por terem sido ali reunidos índios de diversas tribos, encontrei, no vocabulário que coligi, muitas palavras das línguas Tupi e Fulniô, assim como de línguas desconhecidas. Exemplo: as que formam o presente vocabulário e as do nº 2. As dêste último dizem pertencer à língua dos índios da Serra Negra, Pernambuco. A que povo pertenceram as que neste figuram, não consegui saber”.

#### VOCABULÁRIO Nº 2

“Vocabulário de palavras colhidas no Brejo dos Padres e que, segundo as pessoas que as transmitiram, pertencem à língua falada pelos índios da “Serra Negra”, Pernambuco”.

Sol — Kari  
 Lua — Tyupanyé  
 Trovão — Traikozã  
 Homem — Porkiá  
 Mulher — Sikiurú  
 Macaco — Arinã  
 Cachorro — Sará  
 Tatu-peba — Tukuaranã (8)  
 Porco — Aleal

---

(8) Dizem que davam, também o nome de Rapão.



Veado — Kwãú (9)  
 Gado vacum — Kônã  
 Cavalo — Tyaparú  
 Ema — Lashikrá  
 Tabaco, fumo — Kupriô  
 Tatu-bola — Kwaráu  
 Bom — Niré  
 Rancho — Poró  
 Branco — Karikyá  
 Negro — Tapsishunã  
 Tamanduá colete — Muze káu káukrí  
 Mosca — Moka  
 Vaca — Tyanã  
 Bezerro — Tyapatã  
 Deus — Panyé  
 Tatu verdadeiro — Arikyó

### VOCABULÁRIO Nº 3

Palavras levantadas com Antônio Likaro e Cordorina, cacaboclos da Tribo Tushá, Rodelas.

Sol — Enkê  
 Lua — Jerômêkê  
 Céu — Eisrêmêkê  
 Terra — Jerintin  
 Rio S. Francisco — Kaleshí  
 Homem — Junkurun (10)  
 Mulher — Lākātí  
 Menino — Jití  
 Menina — Kaití  
 Cabelo — Tixí  
 Dente — Takaí

---

(9) Dizem que davam, também o nome de Gãcú.

(10) Virá daí o nome Sukuru?



Orelha — Kramakê  
 Cachimbo — Tôrú  
 Teiú — Tishiriú

## VOCABULÁRIO N° 4

Palavras colhidas de caboclos "Natu", em Colégio,  
 Alagoas.

Estrêla — Iroinkó  
 Fogo — Shakishá  
 Água — Kraunã  
 Rio S. Francisco — Opára  
 Cachimbo — Katuká  
 Cachimbo Cerimonial — Kuzipé  
 Maracá — Shishiá  
 Dinheiro — Meré  
 Mulher — Pikwá  
 Gente estranha — Zitók (11)  
 Boi — Krazó  
 Ovelha — Sêprun  
 Jacaré — Gozê  
 Jaboti — Kati  
 Mandioca — Grogó  
 Feijão — Ma/tsaká  
 Tabaco, fumo — Bazé

## VOCABULÁRIO N° 5

Palavras da língua *Chocó*, colhidas em Colégio, Alagoas.

Fogo — Atsá/tsá  
 Água — Taká

---

(11) Dizem que chamavam também, Kôbê.



Cachimbo — Pupú (12)

Homem — Májikêô

Êstes vocabulários tem 115 palavras:

1º do Brejo dos Padres — 59

2º de índios da Serra Negra — 21

3º de índios Tusha — 14

4º de índios Natú — 17

5º de índios Chocó — 4

Além dos vocabulários acima, levantados pelo Dr. Carlos Estêvam, prático no trato dos índios, possuímos mais 3 colhidos no sertão pernambucano, mas por coletor inculto, porém possuído de muito boa vontade. Para facilitar a comparação adotamos a ortografia e os sinais diacriticos usados pelo Dr. Carlos Estêvam, isto é, as convenções seguintes:

Acento agudo para a tônica

— sílaba longa

/ sinal indicando palavra sincopada.

Sh igual a x

O 1º dêstes vocabulários foi obtido na cidade de Pesqueira, do índio Rodrigues de Mendonça, da Serra do Urubá, pelo Sr. Domingos Cruz. Ei-lo:

Cabeça — Kreká, Kri/ká

Cabeça de vaca — Kreká memêngo

Chapéu — Kriákugo, Kriá

Chuva — Kraxixi

Comida — Kringó

Comida boa — Kringó konengo

Cachaça — Irínka

Bom, boa — Konengo

Chefe, mais velho — Taióp

Deus — Tupá

---

(12) Dizem que chamavam também, Masapuãba



Faca grande — Xaníko  
 Faca pequena — Saquarék  
 Homem — Xiakrók  
     “ branco — Karé  
     ” índio — Xenunpe  
     “ defeituoso — Jajú  
 Fome — Xurák  
 Inimigo — Aredirí  
 Ir embora — Nuntógo  
 Mulher — Krippó  
 Milho — Xigó  
 Nevoeiro — Batukin  
 Lua — Limolago  
 Sol — Oraci  
 Pedra — Krá  
 Pedra (em cima da terra) — Krá xixí  
 Pé — Poiá  
 Defeito — Guxú  
 Pé defeituoso — Poiá guxú  
 Ruim — Aguá, pigó  
 Homem branco ruim — Karé aguá  
     ”      ” bom — Karé konengo  
 O inimigo vem aí — Arediri arediri

O vocabulário nº 2, da mesma língua da gente da Serra Urubá, foi colhido do índio Pedro Rodrigues, no sítio Gitó, pelo mesmo coletor, o Sr. Domingos Cruz.

É o seguinte:

Aguardente — Orinka  
 Aldeamento — Taiopo maritáro  
 Arco (arma) — Tamaingú, temaigú  
 Carne — Inxi, ixi  
 Fome — Xurák  
 Negro (homem) — Taká  
 Cabra — Krexkuák jãtarinta  
 Negra — Taká jipu



Onça — Jetôme  
 Raça, tribo — Xekurú  
 Marinheiro (estrangeiro) — Karé irut  
 Carne — Inxin  
 Comedor de carne — Inzin aragogú  
 Mentiroso — Jupegúgo  
 Lua — Limolágo  
 Sol — Orací  
 Deus — Tupá  
 N. Senhora — Tamaipí

Um outro vocabulário dos mesmos índios da Serra do Urubá, foi apanhado pelo Sr. José Joaquim, na cidade do Rio Branco, Pernambuco, com um pouco mais de habilidade. É o que se segue:

Bom dia — Degómen  
 Cacete — Kirí, quiri  
 Cabeça — Krêkió  
 Batata — Baká, koxó  
 Altar — Oiô  
 Canela (tíbia) — Gatí  
 Canela fina — Gatirí  
 Cachaça — Urínka  
 ? — Urinka karóba  
 Mão — Kêerakê  
 Dedo — Atirí, tirí  
 Nariz — Korózó  
 Espiga (milho) — Tók, tóque  
 Fumo, tabaco — Májá  
 Como vai? — Adeusá  
 Livro — Quatirá  
 Fino — Iri  
 Longe — Tigí  
 Ir embora — Ombêira  
 Livrar-se — Muntógo  
 Feijão — Jejá



Cara, rosto — Nái  
 Cara feia — Naiogo  
 Negro (homem) — Taka  
 Olhar — Antiá  
 Pano — Mití (?)  
 Pano velho (farrapo) — Takó  
 Mandioca ou macaxeira — Xaká  
 Milho — Xigó  
 Vertir — Tadí  
 Roupa — Kunãgo  
 Roupa nova — Tiliká  
 “ velha — Takó  
 Girau — Koiá  
 Livro — Katirá, quatorá  
 Tamboeira (de milho) — Boró tiga  
 Espiga de milho — Tiga gugá

Parece interessante transcrever aqui o vocabulário *Xu-curú* coletado pelo Sr. Kurt Nimuendajú e publicado na “Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano”. ns. 155/158. Consta de 15 palavras que deviam fazer parte do acêrvo de 150, registado na viagem do coletor a Cimbres e a Serra de Ararobá (Urubá).

Homem — Xenúpre  
 Mulher — Moéla  
 Fogo — Intôa  
 Água — Teu  
 Pedra — Kébra  
 Cabeça — Kreká  
 Orelha — Bandulak  
 Bôca — Máz  
 Nariz — Korózá  
 Língua — Izarágo  
 Dente — Ciladê  
 Mão — Kereké



Pé — Poyá  
Casa — Sek  
Ôlho (olha) — Pigó

Afora o material linguístico já aqui referido, inclusive os vocabulários inéditos que vimos de apresentar, dando as suas origens, convém referir o que foi levantado no lugar Mirandela, em plena região outrora dominada pelos índios Kariri, situada entre as ribeiras do Vasa-Barris e Itapicuru, pelo sábio etnógrafo Dr. Alfredo Metraux, em 1939. Ali, Metraux colheu por intermédio de um descendente indígena, Josias Rodrigues, o vocabulário que figura no tomo XI (1951) do "Journal de la Société des Americanistes". Esta contribuição provinha de um moço índio, que conseguira alguma instrução primária e tivera oportunidade de compô-la mediante um trabalho demorado, interrogando velhos remanescentes da tribo que ali vivera.

A primeira inspecção, verifica-se que se não trata da língua Kariri, como fôra referido ao coletor francês, mas de uma língua desconhecida, que êste não conseguiu identificar malgrado os seus esforços neste sentido; não obstante, admite a possibilidade de ter pertencido aos índios *Katembri*, que teriam vivido com os kariri naquela região baiana.

A lista completa monta a 66 palavras, e pode ser consultada no periódico referido, às páginas 56/58.

\*  
\* \*

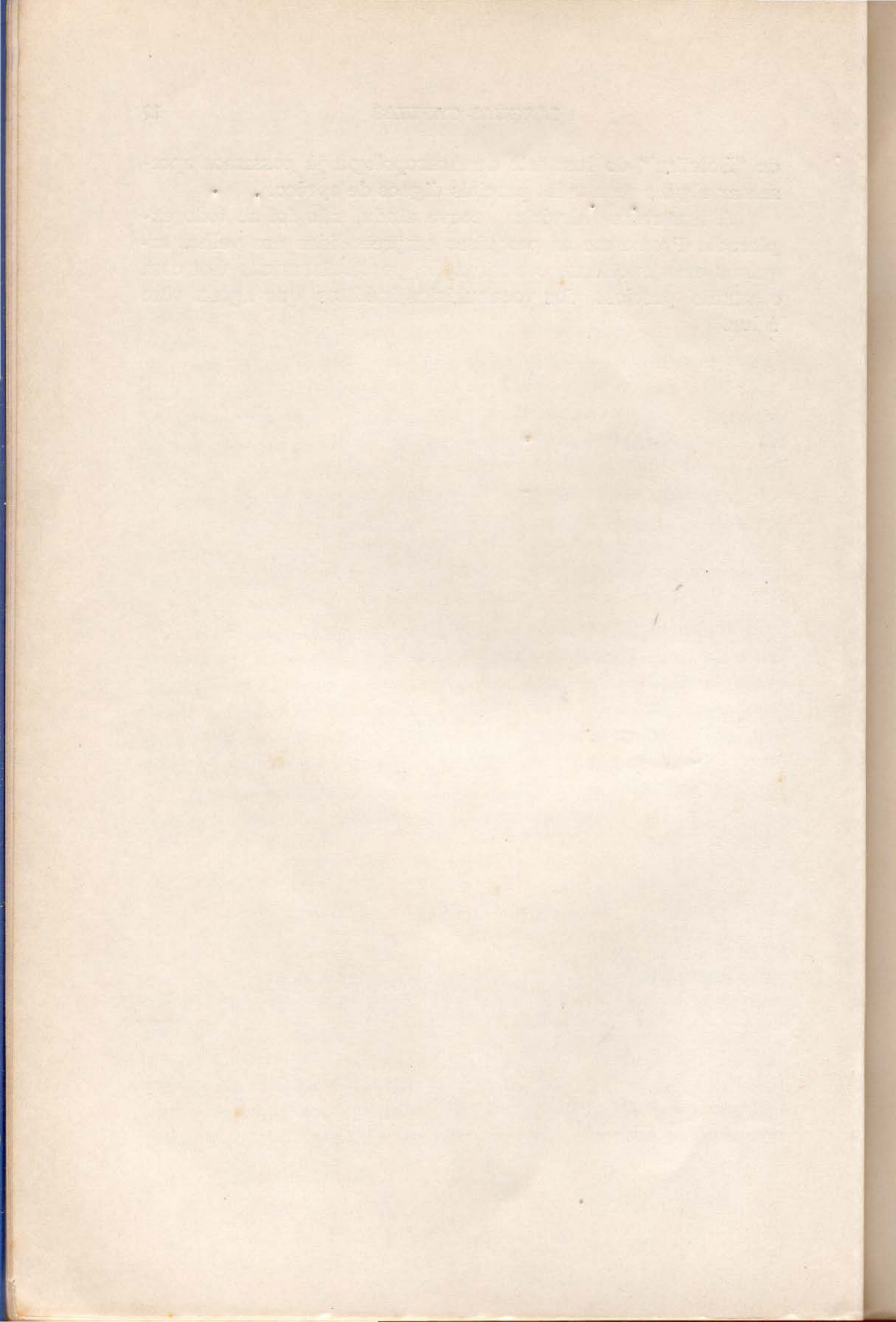
Além dêstes elementos, para o estudo analítico resta perquirir, com muita atenção, fontes de outra natureza. Estamos examinando, não apenas todos os documentos históricos possivelmente relacionados com o assunto em tela, como ainda a toponímia antiga das regiões que ao caso interessa. Algumas surpresas curiosas já nos têm dado estímulos para prosseguir no árduo trabalho. Esperamos que em próximo número



do "Boletim" do Instituto de Antropologia já possamos apresentar alguns resultados parciais dignos de aprêço.

A literatura histórica coeva ainda não foi ao todo explorada. Prometem as pesquisas empreendidas nos velhos arquivos uma excelente contribuição, particularmente útil com o auxílio precioso dos vocabulários inéditos que agora vêm à luz.







## ÍNDICE

Línguas tapuias desconhecidas do Nordeste — <i>Thomaz Pompeu Sobrinho</i> .....	3
Curral de pesca no litoral cearense — <i>Florival Seraine</i> .....	21
Contribuição etnográfica ao estudo das cârcas — <i>João Pompeu</i> .....	45
On the spiny lobster fishing in Ceará — <i>Melquíades Pinto Paiva</i> .....	63
Notícia .....	71
Serviço de Antropologia	
Regimento .....	77



Tipo indígena (Canela) do grupamento de Barra do Corda — Maranhão  
Foto: J. Pompeu



